

La Comédiathèque

Um caixão para dois

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Um caixão para dois

Jean-Pierre Martinez

Tradução e adaptação pelo próprio autor

Quando dois candidatos às eleições têm de cremar os respetivos cônjuges no próprio dia da votação, corre-se o risco de haver enchimento de urnas. Sobretudo quando o diretor da agência funerária contratou uma funcionária temporária completamente imprevisível...

Personagens:

Edmundo
Samantha
Francisco
Chantal

PRÓLOGO

(facultativo)

A receção de uma agência funerária, tão impessoal como o balcão de atendimento de qualquer empresa. As duas atrizes que interpretam as mulheres deste prólogo serão as mesmas que, mais adiante, darão vida a Samantha e Chantal. Ambas vestem de luto e usam véus negros que lhes escondem o rosto, para que não sejam identificadas com as personagens que interpretarão depois. Convém ainda que os dois pares de personagens se distingam claramente pelo estilo, sobretudo pela maneira de vestir e de falar.

Entra a primeira mulher. Tira um lenço da mala, enxuga uma lágrima e assoa-se. O telemóvel toca. Atende com uma voz muito comovida.

Mulher 1 – Estou...? Ah, és tu... Sim, sim, estou na casa mortuária. É verdade que já não o via há anos, mas mesmo assim é um choque. Queria vê-lo uma última vez...

Entra a segunda mulher, também vestida de luto e com o rosto coberto por um véu.

Mulher 1 – Desculpa, tenho de desligar. A minha irmã acabou de chegar. Ligo-te mais tarde, está bem? Obrigada por teres ligado...

As duas mulheres cumprimentam-se com um beijo pouco caloroso.

Mulher 2 – Ainda bem que me avisaste. Eu nem sequer recebi uma participação de falecimento. Está aqui?

Mulher 1 – Sim.

Mulher 2 – Já o viste?

Mulher 1 – Sim.

Mulher 2 – Já passaram pelo menos dez anos... Deve ter mudado, não?

Mulher 1 – Está morto.

Mulher 2 – Pois... Na verdade, nem sei se quero vê-lo. Nunca vi um morto. Talvez seja melhor guardar a imagem que tenho dele da última vez que nos encontramos. Tão cheio de vida...

Mulher 1 – Vá lá, faz isso por ele. Tenho a certeza de que ele teria gostado de te ver uma última vez.

Mulher 2 – Está bem.

Dirige-se sem entusiasmo para a direita do palco e desaparece.

A irmã fica sozinha e volta a enxugar uma lágrima.

A outra regressa passado um momento, um pouco perturbada.

Mulher 1 – Então...?

Mulher 2 (embaraçada) – Disseste-me que era a porta da direita, não foi?

Mulher 1 – Foi. Porquê?

Mulher 2 – Não é ele.

Mulher 1 – Não o vês há dez anos. Claro que deve ter mudado.

Mulher 2 – Mas não mudou de sexo! Quem está no caixão é uma mulher.

Mulher 1 – Tens a certeza...?

Mulher 2 – Uma mulher que não tem nada a ver com ele... Nem reparaste?

Mulher 1 – Esta manhã estava tão transtornada que deixei cair as lentes de contacto pelo ralo do lavatório. Deve ser a porta da esquerda. Há duas salas de velório... Vou ver.

Mulher 2 – Acho melhor ir eu...

Volta a sair pelo mesmo lado, deixando a irmã ainda mais angustiada, e regressa passado um momento.

Mulher 1 – Então?

Mulher 2 – Também não é ele.

Mulher 1 – Tens a certeza?

Mulher 2 – A não ser que nos tenha escondido a vida inteira que era negro... Deixa-me ver a participação. Talvez te tenhas enganado na morada. Há funerárias por todo o lado...

Mulher 1 – Meu Deus... Fiquei tão abalada quando soube que tinha morrido... E agora nem sequer vamos poder ir ao funeral...

Tira a participação da mala e entrega-a à irmã.

Mulher 2 (*olhando para a participação*) – Não, a morada está certa. Não percebo... (*Continua a ler em voz alta.*) «Participam com profundo pesar o falecimento do senhor...» Mas este não é o nome dele!

Mulher 1 – Não pode ser! Deixa cá ver...

Pega na participação que a irmã lhe estende e aperta os olhos para compensar a falta das lentes.

Mulher 1 – Merda! É o apelido dos vizinhos... Pelo menos uma vez por mês o carteiro engana-se na caixa do correio. Pois, entre Martinez e Ramirez... Nem reparei.

Mulher 2 (*consternada*) – Portanto, ele não morreu...

A outra olha para ela com uma expressão desolada.

Mulher 1 – Lamento imenso...

Silêncio embaraçoso.

Mulher 1 – E agora, o que fazemos à coroa de flores?

Mulher 2 – Não me parece que a florista aceite devoluções... Imagina se as floristas comessem a devolver o dinheiro das flores depois dos funerais! Deixamo-la para enfeitar a campa do falecido dos teus vizinhos.

Mulher 1 – Até porque eles não parecem importar-se muito. Nem sequer apareceram...

Mulher 2 – É normal, a participação está contigo...

Mulher 1 – Merda, é verdade. Como é que lhes vou dizer isto...?

Mulher 2 – Pois... Vais precisar de todo o tato de que fores capaz...

Mulher 1 – Enfim... A boa notícia é que ele não morreu... (*Suspira.*) E eu que já tinha feito quase todo o luto...

Mulher 2 – Pronto, assim já fica feito, não é?

Preparam-se para sair.

Mulher 1 – Ai, meu Deus...

Mulher 2 – Vais visitá-lo?

Mulher 1 – Quem?

Mulher 2 – Ora, ele!

Mulher 1 – Para que havia de ir visitá-lo?

Mulher 2 – Sei lá. Querias tanto despedir-te dele pela última vez... Agora podes fazê-lo enquanto ainda está vivo.

Escuro.

Breve interlúdio com música fúnebre.

ATO I

A receção de uma agência funerária, semelhante à de qualquer outra empresa. O telefone toca em cima da secretária. Entra Edmundo, o proprietário, vestido de forma muito sóbria, a resmungar.

Edmundo – Sim, sim, já vou... Que pressa é esta que toda a gente tem hoje...? Ainda não estamos em saldos... Um dia destes acabam comigo... *(Atende com amabilidade comercial.)* Agência Funerária Frio, bom dia... Sim, senhor Boamorte, vamos recebê-la esta manhã... Exatamente, em carvalho, com pegadas douradas e forro acolchoado verde-maçã... A coleção outono-inverno, é isso mesmo... Mas o modelo Isabel II é um clássico. Nunca passa de moda. Não é dos mais baratos, é verdade, mas sei que a senhora Boamorte era muito vaidosa. Acredite, com este modelo nunca ninguém fica desiludido. Pelo menos nunca tivemos reclamações... Terça-feira, combinado... Passe bem, senhor Boamorte... Quer dizer... Até terça-feira, senhor Boamorte. E, mais uma vez, os meus sentidos pêsames... *(Desliga.)* Estou mesmo a precisar de descansar... *(O telefone volta a tocar.)* Porra... Agência Funerária Frio, bom dia... Ah, és tu, Ivone... O médico já passou...? Gripe, pois claro... Com a epidemia deste inverno... Este ano está muito forte... Aqui o telefone não para de tocar... Ainda bem que a nova coleção chega hoje de manhã, porque, se houver algum imprevisto... Não estou a falar de ti, claro... Mas estou completamente assoberbado. Logo agora é que tinhas de ficar doente também... Sozinho aqui não consigo dar conta de tudo... Não, a temporária ainda não chegou. Não sei o que anda a fazer. Devia estar aqui às nove. Estamos a começar bem... *(Olha pela montra.)* Ah, está alguém a chegar. Deve ser ela. Bom, tenho de desligar. Trata de ti. Eu também te adoro...

Entra Samantha, uma jovem cujo aspeto é pouco adequado ao trabalho que acabou de aceitar (excessivamente sensual ou, pelo contrário, grunge ou gótica, por exemplo).

Samantha – Bom dia! Estou um bocadinho atrasada, eu sei...

Edmundo – Pois estou a ver... Ficou a dormir no primeiro dia?

Samantha – Qual quê! O despertador tocou a horas, levantei-me e tudo. Mas voltei a adormecer no autocarro. O motorista acordou-me no terminal. Tive de apanhar o autocarro de volta e, entre uma coisa e outra... *(Toca-lhe o telemóvel.)* Com licença... Sim, Pamela... Não, acabei de chegar ao trabalho... À Frio, pois claro! Nem imaginas a confusão... Logo hoje, que me levantei a horas... Não vais acreditar: voltei a adormecer no autocarro...

Edmundo – Pronto, já chega?

Samantha – Desculpa, depois ligo-te com mais calma, está bem? *(Guarda o telemóvel.)* Era a minha amiga Pamela...

Edmundo – E como é que a menina se chama?

Samantha – Samantha.

Edmundo – Samantha?

Samantha – Algum problema?

Edmundo – Não, não... É que Samantha soa um bocado... Bem, sabe o que quero dizer...

Samantha – Não...

Edmundo – Digamos que na nossa profissão estamos habituados a nomes mais discretos.

Samantha – Como quais?

Edmundo – Sei lá... Josefina, Martinha... Cristina, quando muito... Ou Ivone. A minha mulher chama-se Ivone... Acha mesmo que é capaz de a substituir...?

Samantha – Substituí-la...?

Edmundo – Faz assim tanta questão de que lhe chamem Samantha?

Samantha – Mas é esse o meu nome.

Edmundo – E essa roupa que traz vestida...

Samantha – O que é que tem a minha roupa?

Edmundo – Disseram-lhe que vai ter de lidar com os clientes?

Samantha – Bem... Sim... Disseram-me que ia ficar na receção.

Edmundo – Compreende que, para trabalhar aqui, seria mais apropriado vestir-se de uma maneira... clássica.

Samantha – Ah, está bem...

Edmundo – Tem alguma formação? Alguma experiência na nossa área?

Samantha – Tenho um curso de estética. E há três meses trabalhei como empregada de loja no Continente.

Edmundo – Esteticista... Bem, isso ainda nos pode dar jeito...

Samantha – Ah, pode...?

Edmundo – Mas no Continente... Era na secção funerária?

Samantha (*surpreendida*) – Qual quê! Na charcutaria. Porquê?

Edmundo – É que na Funerária Frio não fazemos saldos nem descontos de supermercado. Que falta mais? Vendas por catálogo ou pela Internet?

Samantha – Olhe, isso até não era má ideia...

Edmundo – O Continente e nós não temos nada a ver um com o outro, percebeu?

Samantha – Percebi...

O telefone toca.

Edmundo – Agora vai mostrar-me o que vale... Mais vale atirá-la já para a água. Aviso-a de que estamos atolados de trabalho. Não vou ter tempo de lhe ensinar nada. Atender o telefone consegue, não consegue?

Samantha – Sem problema... *(Atende com segurança.)* Congelados Frio, bom dia... Ah, não, minha senhora, desculpe, enganou-se no número... De nada... Não se preocupe... Adeus, minha senhora...

Samantha, satisfeita consigo própria, volta-se para Edmundo, que a olha petrificado.

Samantha – O que foi?

Edmundo – Isto é alguma brincadeira? Estamos num programa de apanhados?

Samantha – Porquê? Era uma senhora a chorar, que pensava estar a ligar para uma funerária...

Edmundo – ISTO É uma funerária!

Samantha *(arrasada)* – Não me diga...!

Edmundo – A agência de trabalho temporário não lhe disse nada?

Samantha – Só me falaram em carne fria... E como a firma se chama Frio...

Edmundo – Isto é um pesadelo... *(Contendo-se.)* Bem, agora já não tenho alternativa.

Samantha – Então isto é... uma casa de funerais? Eu nunca fiz nada disto...

Edmundo – Ouça bem: limita-se a atender o telefone e a tomar nota dos recados. Quando chegar alguém, chama-me. E, sobretudo, nada de iniciativas, percebeu?

Samantha – Percebi.

Edmundo – Agora tenho de ir tratar do meu deputado...

Samantha – O deputado?

Edmundo – Delmar. As eleições legislativas antecipadas... Não viu os cartazes junto ao muro do cemitério? Hoje é dia de eleições! E como o deputado cessante já não se recandidata...

Samantha – Deputado cessante?

Edmundo – Sim... Desta vez, a saída foi definitiva. Estou a tentar dar-lhe um aspeto apresentável ali atrás. E olhe que está a dar trabalho...

Samantha olha pela montra para os cartazes eleitorais.

Samantha – A senhora Delmar... Pelos cartazes, até nem parece muito mal conservada...

Edmundo – Não é a senhora Delmar, é o marido! Era ele o deputado cessante. A mulher candidata-se à Assembleia da República para lhe suceder.

Samantha – Ah, pois...

Edmundo – O funeral do senhor Delmar é hoje. Mas está a custar-me deixá-lo apresentável. O corpo esteve muito tempo dentro de água, por isso imagine...

Samantha (*horrorizada*) – Dentro de água?

Edmundo – Aliás, se quiser dar-lhe os últimos retoques... Costuma ser a minha mulher a fazer isso, mas como não está...

Samantha – Bem, é que...

Edmundo – Disse-me que tem um curso de estética, não foi?

Samantha – Sim, mas...

Edmundo – Já percebi... Bom... Acha que se consegue desenrascar com a central telefónica?

Samantha – Sim, sim, claro...

Edmundo – Então deixo-a... Ah, uma coisa: estou à espera de uma encomenda esta manhã. Quando chegar a mercadoria, avise-me imediatamente, está bem?

Samantha – Mercadoria? (*Horrorizada.*) Vão trazer uma remessa de mortos?

Edmundo – Minha menina, aqui não chamamos «mortos» aos nossos clientes. Chamamos-lhes «os nossos queridos defuntos».

Samantha – Está bem...

Edmundo – E não falamos em «entregas», mas na última visita que nos fazem antes da sua viagem para o Além.

Samantha – Muito bem...

Edmundo – Imagine que trabalha numa agência de viagens. Os nossos clientes vão fazer um cruzeiro, por assim dizer. Só que o bilhete de regresso não está incluído.

Samantha – Estou a ver... Mas então, que mercadoria estão à espera de receber?

Edmundo – Uma entrega de caixões! A nova coleção. Tem o catálogo à frente do nariz!

Edmundo sai. Samantha folheia o catálogo.

Samantha – Porra... Belo cruzeiro... (*Marca um número no telemóvel.*) Pamela? Nem vais acreditar... Sabes que emprego é que aqueles sacanas do centro de emprego me arranjaram? Numa funerária! O que uma pessoa tem de fazer para ganhar a vida, juro-te. Para já isto está calmo. Estou na receção... (*Toca o telefone de secretária.*) Desculpa, tenho de desligar... (*Atende.*) Congelados Fri... Funerária Frio, bom dia... Sim... Sim... (*Toma notas.*) A promoção do mês, exatamente... O modelo Pinho Básico... Noventa e nove euros, IVA incluído... Está bem, eu digo-lhe, senhora Delmar... Pode contar comigo... Até logo, senhora Delmar...

Desliga e suspira de alívio. O alívio dura pouco: entra um homem e aproxima-se da secretária.

Samantha – Vem entregar a encomenda...?

Francisco – Bem... Não... Francisco Martins. Tenho uma reunião com o senhor Frio. Para escolher um modelo...

Samantha *(com um sorriso comercial)* – Vou chamá-lo... Entretanto, pode dar uma vista de olhos ao catálogo... *(Estende-lho.)* É para oferecer?

Francisco – É para a minha mulher...

Ela observa-o enquanto ele folheia distraidamente o catálogo.

Samantha – Bem me parecia que não tinha ar de estafeta...

Francisco – Pois...

Samantha – Desculpe, mas... Acho que já o vi em qualquer lado.

Francisco – Sim... A minha fotografia está espalhada pelas paredes da cidade...

Samantha – A polícia anda à sua procura?

Francisco – Ainda não... Para já, só me estou a candidatar às eleições... *(Aponta para os cartazes lá fora.)* O dos cartazes sou eu...

Samantha – Francisco Martins! O adversário da senhora Delmar!

Francisco – Digamos o seu rival...

Samantha – Pela direita, não é?

Francisco – Não, a senhora Delmar é que é de direita... Eu sou do centro. Mas já se sabe: o centro está em todo o lado e em nenhum círculo eleitoral...

Samantha – Ena... Nunca pensei conhecer celebridades por trabalhar aqui...

Francisco – Todos morremos um dia, até as celebridades.

Samantha – Portanto, também perdeu a sua mulher?

Francisco – Perdi...

Samantha – Então estão empatados!

Francisco – Como disse?

Samantha – Com um morto na família mesmo antes da votação, a senhora Delmar partia em vantagem. Agora estão em igualdade...

Francisco – Acha que sim?

Samantha – Se a avó do Obama não tivesse morrido mesmo antes daquelas eleições, acha que um homem negro teria chegado à Presidência dos Estados Unidos?

Francisco – Quem sabe...

Samantha – Acredite, a morte da sua mulher foi a melhor coisa que lhe podia ter acontecido... Do ponto de vista eleitoral, quero eu dizer...

Francisco – Estou a ver que é uma grande analista política... Não deixarei de lhe pedir conselhos, se precisar... Hum... O senhor Frio está?

Samantha – Está, sim. Vou chamá-lo. *(Observa os botões da central e lê as etiquetas.)* Ora vejamos... Câmara frigorífica... Cozinha... Tanatopraxia... Não sei o

que é isso, mas vamos experimentar... (*Marca e espera até Edmundo atender.*)
Bingo! Senhor Frio? O senhor Francisco Martins já chegou... (*Desliga.*) Vem já...

Silêncio um pouco constrangedor. Francisco folheia o catálogo para disfarçar.

Francisco – E a menina, já escolheu?

Samantha – Um pouco de delicadeza, senhor Martins. Ainda sou muito nova para escolher um caixão...

Francisco – Referia-me às eleições... À votação de hoje. Já votou?

Samantha – Bem... Ainda não...

Francisco – Então ainda tenho uma hipótese... Conhece o nosso programa?

Samantha – Têm programa? Pensava que eram do centro!

Entra Edmundo.

Edmundo – Bom dia, senhor Martins. Os meus sentidos pêsames...

Francisco volta a compor uma expressão pesarosa.

Francisco – Que se há de fazer...? É o destino, não é?

Edmundo – Pelo menos teve uma morte bonita.

Francisco – Acha...?

Edmundo – Não?

Francisco – Foi atropelada por um comboio Alfa Pendular...

Edmundo – Peço desculpa, confundi-a com a senhora Boamorte... Morreu na cama, a dormir. Tinha noventa e um anos...

Francisco – Ah... A minha mulher era um bocadinho mais nova...

Edmundo repara que Samantha está a ouvir a conversa com indiscreta curiosidade.

Edmundo – Não nos traz dois cafés, Sandra?

Samantha – Samantha...

Edmundo – Isso... Sabe fazer café?

Samantha – Posso tentar...

Francisco – Para mim, bem forte, se faz favor.

Samantha – Forte... Como a disputa eleitoral, não é, senhor Martins?

Francisco esboça um sorriso. Edmundo está visivelmente exasperado.

Edmundo – A máquina de café é ali...

Samantha sai.

Edmundo – Hoje em dia custa tanto encontrar pessoal competente... E a minha mulher está de cama com gripe. Este ano está terrível, como sabe...

Francisco – Pois... A minha mulher morreu de gripe...

Edmundo – Pensava que tinha sido atropelada por um comboio.

Francisco – Quando ia à farmácia buscar a vacina...

Edmundo – Sempre desconfiei dessa vacina... E acredite que trabalho no ramo... Aliás, proibi a minha mulher de se vacinar...

Francisco – E a senhora Frio está melhor?

Edmundo – Uma ligeira constipação. Daqui a uns dias está boa. Mais vale deixar a natureza seguir o seu curso, não é verdade?

Francisco – Infelizmente, a constipação da minha mulher foi definitiva.

Edmundo – Já escolheu, senhor Martins? Como pode ver, a nossa nova coleção é magnífica...

Francisco (*olhando rapidamente para o catálogo*) – Hum...

Edmundo – Costumo dizer que é pelo preço do caixão que se mede o amor que tínhamos pelos nossos defuntos...

Francisco – Eu estava a pensar numa coisa simples...

Edmundo – Compreendo... Elegante, mas discreta... Tem algum modelo em mente?

Francisco (*apontando para o catálogo*) – Porque não este...?

Edmundo (*pouco entusiasmado*) – Pinho Básico. O nosso modelo de entrada de gama. Está em promoção.

Francisco – Noventa e nove euros, IVA incluído, é isso?

Edmundo – Exatamente, senhor Martins...

Francisco – Como é para cremar, tinha pensado que...

Edmundo – Tem razão. O pinho chega perfeitamente. E até teve sorte: só nos resta um no armazém. É um modelo que tem tido muita saída... Quanto aos extras, podemos propor-lhe...

Francisco – O básico.

Edmundo – Pinho Básico sem extras. Perfeito. Queria ver mais alguma coisa?

Francisco – Por agora, não, obrigado...

Edmundo – Muito bem, senhor Martins. Fica registado.

Entra Samantha com os cafés. Entrega uma chávena a Francisco e outra a Edmundo.

Francisco – Muito obrigado, menina...

Samantha (*a fazer charme*) – Samantha...

Francisco bebe o café de um trago e faz uma careta. Edmundo, intrigado, prova o seu e lança a Samantha um olhar furioso.

Edmundo (*pedindo desculpa com o olhar a Francisco*) – Se calhar está forte de mais...

Francisco – Lá isso está...

Edmundo – Era capaz de ressuscitar um morto...

Samantha – Apetece-lhe uma carícia, senhor deputado?

Francisco olha para ela, tentado.

Edmundo – Creio que Samantha se refere a uma bolacha. A minha mulher faz umas a que chama «Carícias». Quer provar?

Francisco – Se as carícias vêm da sua mulher... Acho que vou abster-me.

Samantha – Abstinência num deputado...?

Edmundo – Penso que a menina quer dizer abstenção.

Francisco – E ainda nem sequer sou deputado...

O telemóvel de Francisco toca com um som semelhante ao de um despertador.

Francisco – Desculpem... (*Atende.*) Estou...? Já têm as primeiras projeções? Sim... Sim... Pois... Ah... Muito bem, vou já para aí... Não, o funeral é às onze... Daqui a uma hora, exato... Mas será na mais estrita intimidade... Não queria aproveitar a minha desgraça para conquistar a simpatia dos eleitores... Avisaram a imprensa, não foi? Ótimo, obrigado... Até já...

Edmundo – E então, como vai a campanha, senhor Martins?

Francisco pousa distraidamente o telemóvel em cima da secretária e tira do bolso dois folhetos eleitorais.

Francisco – Como sabe, quem devia candidatar-se era a minha mulher. Mas, com esta tragédia...

Edmundo – Naturalmente...

Samantha – Às vezes até os mortos votam, mas nem nas contagens mais imaginativas se conseguiu eleger um deputado que já tivesse morrido...

Edmundo – Com o absentismo que há na Assembleia, nem sei se alguém daria logo por isso...

Francisco (*entregando-lhes os folhetos*) – Têm aqui alguma informação sobre o nosso programa.

Edmundo – Ah, têm programa... Pensava que eram... Não, nada...

Francisco – A verdade é que não tenho experiência política. Mas o partido do centro tem tanta dificuldade em arranjar candidatos...

Samantha – Deve ser o único partido com menos eleitores do que candidatos...

Edmundo fulmina-a com o olhar.

Francisco – Enfim, insistiram tanto que acabei por aceitar... Bem, tenho de ir. Surgiu um pequeno assunto para resolver...

Edmundo – Espero que não seja nada grave.

Francisco – Como não arranjava ninguém para me ajudar na campanha, contratei a filha da minha empregada. Mas acabam de me dizer que a detiveram por oferecer serviços sexuais na via pública...

Edmundo – Se os candidatos já nem podem oferecer os seus encantos aos eleitores no mercado, onde é que vamos parar com a democracia?

Francisco – Ora nem mais...

Samantha – Se precisar de outra colaboradora, estou disponível...

Francisco – Porque não...? Vou pensar nisso, prometo...

Edmundo – Até logo, no funeral...

Francisco – Com certeza.

Francisco sai. Edmundo lança a Samantha um olhar de reprovação.

Edmundo – O que é que eu lhe tinha dito?

Samantha – Sobre o quê?

Edmundo – Que se limitasse a atender o telefone!

Samantha – Só estou a tentar ser simpática para os clientes...

Edmundo – A encomenda ainda não chegou?

Samantha – Não...

Edmundo – A este ritmo, ainda ficamos sem stock...

Samantha – Ah, a propósito do telefone, esqueci-me de lhe dizer. Vai ficar orgulhoso de mim: acabei de fazer a minha primeira venda.

Edmundo (*preocupado*) – Disse-lhe para não tomar iniciativas...

Samantha – Ligou a senhora Delmar, a viúva do deputado. Escolheu o Pinho Básico.

Edmundo – O Pinho Básico?

Samantha – Sei que é o mais barato, mas uma venda é uma venda.

Edmundo – Só nos resta um no armazém, e acabei de o prometer ao senhor Martins para a mulher dele!

Entra a senhora Delmar.

Chantal – Ah, senhor Frio. Era precisamente consigo que queria falar.

Edmundo – Bom dia, senhora Delmar. Os meus sentidos pêsames pelo seu marido. Embora tenha a certeza de que ele aprovaria a sua escolha.

Chantal – A do caixão? É verdade que era um homem muito próximo do povo e de gostos simples...

Edmundo – Refiro-me à decisão de se candidatar às eleições para lhe suceder na Assembleia da República!

Chantal – Na verdade, neste momento não tenho cabeça para a política. (*Aproveita, no entanto, para lhes entregar folhetos eleitorais.*) Se os eleitores do meu marido não tivessem insistido tanto em que me candidatasse para conservar o lugar dele... Mas eu queria era falar das cerimónias fúnebres...

Edmundo – Mudou de ideias quanto ao modelo? É que um Pinho Básico, para um deputado...

Chantal – Não, não. Parece-me perfeito. Até porque optei pela cremação...

Edmundo – Ah, a senhora também...?

Chantal – Como disse?

Edmundo – Nada, só queria dizer que a cremação está muito na moda... Não quer voltar a ver o catálogo?

Samantha (*em tom comercial*) – É a nova coleção. Ver não custa nada...

Edmundo (*mostrando-lhe o catálogo*) – Veja o modelo D. Manuel I, por exemplo... Em mogno... Trinta anos de garantia!

Chantal olha distraidamente para o catálogo.

Chantal – Não, obrigada. Além disso, desculpe, mas... D. Manuel I, D. João V, D. Maria I... Não soa muito republicano, pois não?

Samantha – Por outro lado, Pinho Básico... Também soa um bocadinho a IKEA, não é?

Edmundo – Se escolher um modelo mais caro, teremos todo o gosto em fazer-lhe um desconto. Pense um bocadinho.

Chantal – Não tenho tempo, e já pensei. O Pinho Básico parece-me perfeito...

Edmundo – O problema é que...

Chantal – Passa-se alguma coisa?

Edmundo – Lamento imenso, senhora Delmar, mas neste momento esgotámos esse modelo...

Chantal – Mas esta jovem disse-me há pouco, ao telefone, que...

Edmundo – Entretanto, eu tinha prometido o último exemplar ao senhor Martins...

Chantal – Martins? O meu adversário nas eleições!

Edmundo – Foi um infeliz mal-entendido, peço desculpa... A jovem começou agora a trabalhar e...

Chantal – De maneira nenhuma!

Edmundo – Posso propor-lhe outro modelo com desconto... Um pequeno aumento de categoria, por assim dizer...

Chantal – Proponha-o ao senhor Martins.

Nesse preciso momento, Francisco Martins regressa.

Francisco – Parece-me que deixei o telemóvel aqui... (*Surpreende-se ao ver Chantal.*) Senhora Delmar...

Edmundo – Creio que se conhecem...

Chantal – Um pouco... A senhora Martins concorreu contra o meu marido nas últimas eleições...

Edmundo – Ah... Então isto é quase um assunto de família...

Francisco – Permita-me apresentar-lhe as minhas mais sinceras condolências...

Edmundo – O senhor Martins é um verdadeiro cavalheiro. Certamente não se importará de ceder a sua vez à senhora...

Francisco – Como disse?

Chantal – Parece, senhor Martins, que a nossa rivalidade não se limita ao lugar de deputado...

Edmundo – A minha assistente prometeu à senhora Delmar o último Pinho Básico que tínhamos...

Samantha (*alegremente*) – Vá lá, não é assim tão grave... Aposto que os políticos também prometem o mesmo lugar a duas pessoas para conseguir votos...

Francisco – De certeza que conseguimos chegar a um acordo amigável... Não é, senhor Frio?

Edmundo – Evidentemente... Além disso, a nova coleção deve chegar a qualquer momento...

O telefone toca. Samantha atende.

Samantha – Congelados Frio... Funerária Frio, bom dia. Não desligue, vou passar-lhe a chamada. (*A Edmundo.*) É para si...

Edmundo – Desculpem um instante... (*Pega no telefone.*) Estou...? Não! O vosso motorista está com gripe? Estão a brincar comigo? Quando? Esta tarde? Mas já vai ser tarde de mais! Isto não fica assim!

Desliga, consternado.

Francisco – Também não vamos ficar aqui o dia inteiro... Se isso facilitar a vida à senhora Delmar, não me importo de escolher outro modelo... O que me pode propor?

Edmundo – É que... Acabaram de me comunicar que a encomenda prevista para esta manhã vai atrasar umas horas...

Francisco – E então?

Edmundo – O Pinho Básico era o último caixão que tínhamos no armazém...

Francisco – O último? Quer dizer que...?

Edmundo – Lamento, mas neste momento não tenho outro caixão disponível... A menos que voltemos a pôr a senhora Boamorte na câmara frigorífica... Só que já está na sala de velório, rodeada pela família...

Samantha – Ui, isso talvez fosse um bocado delicado...

Consternação geral.

Chantal – O funeral do meu marido é hoje às onze!

Francisco – O da minha mulher também.

Edmundo (*para si, desalentado*) – Um caixão para dois... Era só o que me faltava...

Chantal – Não vai querer pôr o meu marido e a mulher deste senhor no mesmo caixão!

Francisco – Não seria muito apropriado, realmente...

Edmundo – E se adiássemos uma das cerimónias para amanhã...?

Samantha – Afinal, agora eles já não têm pressa nenhuma...

Chantal – Mas eu tenho!

Francisco – Não, amanhã também não me dá jeito... A imprensa já foi avisada...

Chantal – E para o funeral do meu marido também! Não há razão nenhuma para deixar todo o protagonismo ao meu adversário!

Edmundo – Então, o que fazemos?

Francisco – Uma pergunta: para cremar a minha mulher é mesmo preciso um caixão?

Edmundo – Como disse?

Francisco – É que só se utiliza durante uns minutos, enquanto dura a cremação...

Samantha – Além disso, é pouco ecológico. Abater carvalhos para fazer caixões e queimá-los logo a seguir...

Francisco – Já para não falar dos gases com efeito de estufa.

Samantha – Podíamos fazer como na Índia, numa pira de lenha seca à beira do Tejo.

Chantal – Sim... A imprensa ia adorar...

Escuro.

ATO II

Francisco e Chantal esperam juntos na recepção, com um ar compungido. Francisco olha discretamente para o relógio.

Francisco – Acha que ainda vai demorar muito...?

Chantal – Não sei... Não tenho grande experiência nisto...

Francisco – Que estranho... Não sei porquê, mas sinto-me como se estivesse numa maternidade, à espera de uma boa notícia...

Chantal (*olhando-o com apreensão*) – Sim, é estranho...

Francisco – Já sabe o que vai fazer com elas?

Chantal – Desculpe?

Francisco – As cinzas do seu marido. Onde as vai pôr?

Chantal – Ainda não faleci... quero dizer, ainda não decidi... (*Pausa.*) Ocupam muito espaço?

Francisco – Não faço ideia... Cabem numa urna, pelo menos...

Chantal – Numa urna...?

Francisco – Numa urna funerária...

Chantal – Ah, pois claro...

Francisco – Que ironia para um deputado... Acabar numa urna...

Chantal – E o senhor?

Francisco – Eu não vou pô-las em cima da lareira... Seria um bocado macabro, não acha?

Chantal – Sim...

Francisco – Talvez espalhá-las no jardim... Será permitido?

Chantal – Acho que sim... Pelo menos ninguém foi preso por espalhar as cinzas do cônjuge no próprio jardim...

Francisco – A não ser algum assassino em série, claro...

Chantal – Hum...

Francisco – Mas não sei... Pensar que a pessoa com quem partilhámos a vida está espalhada pela relva, entre a casota do cão e o grelhador... Também é um bocadinho sinistro, não é?

Chantal – É...

Francisco – É uma decisão importante. É preciso pensar bem, porque depois não há volta a dar...

Chantal – Claro... A não ser com um aspirador...

Francisco – E somos obrigados a levar as cinzas para casa?

Chantal – Acho que sim... Como na maternidade...

Nesse momento entram Edmundo e Samantha, cada um com uma urna.

Edmundo – Não estou a ver as placas. Qual delas é a do deputado?

Samantha – Ai... As placas...

Edmundo – O que foi?

Samantha – Esqueci-me de as pôr...

Edmundo – Mas eu disse-lhe...! Tinha colado um post-it com o nome em cada urna! Só tinha de aparafusar as placas!

Samantha – Peço imensa desculpa...

Edmundo – Mas sabe em que urna está o deputado?

O silêncio embaraçado de Samantha é uma confissão. Edmundo não tem tempo de reagir: Francisco e Chantal voltam-se para eles com um ar solene. Após uma breve hesitação, Edmundo entrega a sua urna a Chantal e Samantha entrega a outra a Francisco.

Edmundo – Vamos deixá-los um momento a sós com as cinzas dos seus respetivos cônjuges... *(Sai e lança a Samantha um olhar fulminante.)* Não sei o que me impede de a cremar a si também...!

Samantha – Mas se eu não tivesse ido à IKEA comprar um caixão de pinho para nos desenrascarmos...

Edmundo – Um caixão para montar em casa! Nem sequer sabia que isso existia...

Samantha – Pelo menos tinham em stock...

Edmundo – Pois, está bem...

Samantha – Além disso, hoje em dia, entre uma funerária e uma grande superfície, qual é a diferença?

Edmundo – Lá isso é verdade... Há cinquenta por cento de hipóteses de a senhora Delmar estar agora a despedir-se das cinzas da senhora Martins.

Samantha – E o senhor Martins das do senhor Delmar...

Edmundo – Já agora, não foi nada fácil montar aqueles caixões em kit...

Samantha – Pois... Nisso também são muito parecidos com os móveis da IKEA...

Saem. Francisco e Chantal contemplam as respetivas urnas, absortos.

Francisco – Do pó viemos...

Chantal – E ao pó havemos de voltar.

Francisco – Como morreu exatamente o seu marido?

Chantal – Afogado...

Francisco – Afogado...?

Chantal – Era um pescador inveterado. Deve ter caído do barco. Só encontraram o corpo seis semanas depois...

Francisco – E não sabia nadar...?

Chantal – Nunca me disse... Mas a verdade é que nunca o vi nadar quando era vivo.

Francisco – Pouca gente se gaba de não saber nadar...

Pausa.

Chantal – E a sua mulher?

Francisco – Um acidente de viação.

Chantal – Ah...

Francisco – Numa passagem de nível perigosa... O carro foi abaixo em cima dos carris... Não teve tempo de voltar a pô-lo a trabalhar...

Chantal – Se for eleita, prometo que essa passagem de nível vai ter melhores condições de segurança.

Francisco – Obrigado... E se os eleitores me derem o voto, prometo apresentar uma lei que obrigue todos os pescadores a ter um diploma de natação...

Ficam alguns instantes em silêncio, a olhar para as urnas.

Chantal – Pensar que nas últimas eleições eram adversários. E veja como acabaram. Cada qual na sua urna...

Francisco – Pois... Não se pode dizer que a política lhes tenha feito bem...

Chantal – Não...

Francisco – Espero que nós não acabemos da mesma maneira.

Chantal – Pelo menos, não tão cedo...

Francisco – Já agora, viu as últimas sondagens à boca das urnas?

Chantal – Vi...

Francisco – O último mandato do círculo eleitoral está a ser muito disputado.

Chantal – Mas eu parto em vantagem... O meu marido pode descansar em paz...

Francisco – Hum... Nas últimas eleições houve suspeitas de que os seus apoiantes tinham introduzido boletins a mais nas urnas...

Regressam Edmundo e Samantha.

Edmundo – Parece que afinal se estão a dar bem...

Samantha – Vai ver que isto acaba em casamento. (*Edmundo olha-a com severidade.*) Os dois são viúvos, não são?

Francisco e Chantal dão pela presença deles.

Chantal – Bem, é melhor irmos andando...

Edmundo – Estejam à vontade... Podem ficar o tempo que precisarem...

Samantha – E serão sempre bem-vindos a esta casa...

Edmundo lança-lhe um olhar de reprovação.

Francisco – Quer que a leve a algum lado? Tenho uma carrinha familiar...

Chantal – Não sei se...

Francisco – Tem razão, desculpe... Podia dar azo a comentários...

Samantha aproxima-se de Chantal.

Samantha – Deixe-me ajudá-la... Isto pesa um bocadinho...

Chantal – Não é preciso, obrigada.

Samantha tenta pegar desajeitadamente na urna de Chantal e acaba por bater na de Francisco. A urna cai ao chão e parte das cinzas espalha-se. Edmundo assiste à cena, horrorizado.

Chantal – Meu Deus!

Edmundo (*desfeito*) – Isto é um pesadelo...

Samantha – Desculpe, desculpe! Eu trato já disso...

Edmundo – Não toque em nada! Eu resolvo...

Edmundo sai.

Samantha – Juro que nunca me tinha acontecido...

Edmundo regressa com um avental vistoso, uma vassoura e uma pá do lixo.

Edmundo – Resolvo isto num instante...

Perante o olhar consternado dos outros três, varre as cinzas, recolhe-as e prepara-se para as devolver à urna. Mas engana-se na urna.

Francisco – Eh, não, essa é a do marido da senhora.

Edmundo – Peço desculpa... (*Deita as cinzas na outra urna.*) Pronto, pequeno acidente resolvido...

Samantha baixa-se e apanha qualquer coisa do chão.

Samantha – Olhe lá... O que é isto?

Edmundo (*embaraçado*) – Às vezes ficam restos de... obturações dentárias, por exemplo...

Samantha – Pois, mas a quem quer que estivesse aqui dentro meteram-lhe chumbo que chegasse... Parece uma bala! E bem grande...

Consternação geral.

Edmundo (*examinando a bala*) – Ora esta... A sua mulher morreu num acidente de caça?

Francisco – Não... Já lhe disse, foi um acidente quando ia vacinar-se...

Samantha – Nesse caso, deram-lhe um supositório e tanto!

Edmundo – Eu diria que é um zagalote de caçadeira...

Samantha – Olhe, senhor Martins... Se se descobre que confundiu a sua mulher com um javali, isso não vai favorecer nada a sua campanha eleitoral...

Francisco tira a bala das mãos de Samantha e examina-a.

Francisco (*perplexo*) – Não compreendo, acredite...

Silêncio embaraçoso.

Samantha – Bem... Tenho de confessar que não tenho a certeza absoluta de que estas sejam as cinzas da sua mulher...

Francisco – Como disse?

Samantha – Baralhei-me um bocadinho com as placas...

Edmundo – Ela quer dizer que a bala também pode ter vindo da urna do senhor deputado...

Francisco olha para Chantal, que parece prestes a desfalecer.

Francisco – Estou a perceber...

Chantal – Posso explicar tudo...

Francisco (*espantado*) – A sério...?

Chantal (*a Edmundo e Samantha*) – Importam-se de nos deixar sozinhos um momento?

Edmundo e Samantha retiram-se discretamente.

Francisco – Tem alguma coisa para me contar?

Chantal faz menção de lhe arrancar a bala da mão.

Chantal – Dê-me isso!

Francisco – Não tão depressa...

Chantal empalidece.

Chantal – Está bem. Fui eu que o matei...

Francisco – A senhora?

Chantal – O meu marido não morreu afogado.

Francisco – E a senhora fez passar o assassinio por um acidente...?

Chantal – Sim...

Francisco – Mas porquê?

Chantal – Para não me meterem na cadeia, obviamente!

Francisco – Não, quero dizer: porque é que o matou?

Chantal – Não me diga que não sabia!

Francisco – Sabia o quê?

Chantal – O meu marido traía-me.

Francisco – E por que razão havia eu de saber?

Chantal – Porque me traía com a sua mulher! A sério que não sabia?

Francisco (*consternado*) – Não...

Chantal – Matei-o com a espingarda de caça dele e fiz parecer que tinha sido um acidente de pesca...

Francisco – Bolas... Isso é retorcido...

Chantal – E quase resultou... Se o corpo tivesse ficado no fundo, como estava previsto...

Francisco – Infelizmente, o passado acaba sempre por vir ao de cima...

Chantal – Pensei que, com a cremação, ficaria livre do assunto de uma vez por todas... Mas parece que a bala resistiu ao calor...

Francisco – E não lhe fizeram uma autópsia?

Chantal – O meu médico de família assinou o certificado de óbito. É bastante velho, muito míope e não foi muito exigente...

Francisco – Compreendo... Um crime passional até pode suscitar alguma indulgência, não é? Ou será que matou o marido para ficar com o lugar dele na Assembleia?

Chantal – Se me candidato às eleições é sobretudo para ter imunidade parlamentar, caso comecem a suspeitar de mim...

Francisco – Um seguro contra todos os riscos... A impunidade dos eleitos...

Chantal – Vai denunciar-me?

Francisco – Depende de si. (*Mostra-lhe a bala.*) Sou o único que sabe...

Chantal aproxima-se dele com uma atitude sedutora.

Chantal – Pode fazer de mim o que quiser... Serei sua...

Enquanto continua a fazer-lhe avanços, Chantal derruba também a urna de Francisco, espalhando parte das cinzas pelo chão.

Francisco – Para começar, podia comprometer-se a apoiar o meu projeto político depois das eleições...

Escuro.

ATO III

Edmundo está a trabalhar na receção. Entra Samantha.

Samantha – Bom dia, bom dia!

Edmundo – Estamos a melhorar... Hoje só chega meia hora atrasada... Não voltou a adormecer no autocarro?

Samantha – Voltei... Mas acordei um bocadinho antes do terminal... Então, já não consegue viver sem mim?

Edmundo – Hum...

Samantha – Então, senhor Frio, como vão os negócios?

Edmundo – Bastante calmos, depois do fogo cruzado da semana passada.

Samantha – Que fogo cruzado?

Edmundo – É uma maneira de dizer...

Enquanto tira o casaco, olha para os cartazes eleitorais.

Samantha – Ah, já viu? Afinal, o candidato do centro conseguiu o lugar de deputado.

Edmundo – Sim... A senhora Delmar acabou por lhe dar apoio político...

Samantha – E agora é assessora parlamentar dele...

Edmundo – Azar o seu. O lugar já está ocupado.

Samantha – Eu bem disse que isto ia acabar em casamento.

Edmundo – Que perspicácia a sua...

Samantha – A sua mulher está cá?

Edmundo – Está ali ao lado.

Samantha (*desiludida*) – Então já não precisa de mim...

Edmundo – Bem, quero dizer... Está cá, mas... A minha mulher acabou por sucumbir à gripe...

Samantha – Lamento imenso... Os meus sentidos pêsames...

Edmundo – Obrigado.

Samantha – Quando foi?

Edmundo – Durante a noite. Se calhar devia tê-la deixado vacinar-se...

Samantha – Pelo menos consigo terá um lindo funeral...

Edmundo – Pois...

Samantha – Vai poder mostrar-lhe quanto gostava dela. Como o senhor diz sempre: é pelo preço do caixão que se mede o amor que tínhamos pelos nossos defuntos... Que modelo escolheu?

Edmundo – Pinho Básico...

Samantha – Ah, sim, é... A madeira natural dá um ar tão acolhedor.

Edmundo – E arde muito bem. Também optei pela cremação.

Samantha – Claro...

Edmundo – Agora, naturalmente, vou ter de a substituir... Definitivamente.

Samantha – Substituí-la...?

Edmundo – Aqui, na empresa.

Samantha – Ah, pois... Então vai passar-me a efetiva?

Edmundo – Para já posso contratá-la à experiência. Ficou livre um lugar de tanatopractora...

Samantha – Tanatopractora...?

Edmundo – A mim cabe-me a parte mais difícil da reconstrução. Às vezes é como fazer um puzzle... Sem termos sequer todas as peças...

Samantha – Como aconteceu com a senhora Martins... Aí fez mesmo um milagre...

Edmundo – Nem me diga... Quando a trouxeram depois do acidente ferroviário, parecia uma escultura de César...

Samantha – César... O imperador romano?

Edmundo – Enfim... A minha mulher encarregava-se dos acabamentos. E agora que ela já não está... Se lhe interessar...

Samantha – Não sei se seria capaz...

Edmundo – Não é assim tão complicado. É como trabalhar em estética, só que as clientes nunca se queixam...

Samantha – Porque não...?

Edmundo – Além disso, embora não pareça, esta profissão está cheia de imprevistos. Já viu: aqui não temos tempo para nos aborrecermos...

Samantha – E às vezes conhecemos pessoas importantes...

Edmundo – Ao fim e ao cabo, ricos e pobres, famosos ou desconhecidos, todos nos passam pelas mãos...

Samantha começa a varrer o chão.

Samantha – E o que vai fazer à bala que encontrámos na urna do deputado?

Edmundo – Nada, menina. Não somos polícias... Além disso, estamos sujeitos ao sigilo profissional. Na nossa profissão entramos inevitavelmente na intimidade das famílias...

Samantha – Ah, sim...?

Edmundo – Nem imagina o que se encontra nos bolsos dos defuntos... Uma vez até descobri um boletim de Totoloto premiado.

Samantha – A viúva deve ter ficado radiante...

Edmundo – Preferi não lhe dizer nada. Teria sido de mau gosto...

Samantha – Claro...

Edmundo – Graças a isso comprei a máquina de café expresso... A propósito, apetece-lhe um café?

Samantha – Porque não...?

Edmundo sai por um instante para ir buscar os cafés.

Edmundo (*fora de cena*) – Ainda na semana passada encontrei umas tesouras nas cinzas da senhora Boamorte...

Samantha – Também foi assassinada?

Edmundo – Umhas tesouras cirúrgicas! Tinha sido operada ao apêndice e morreu de complicações pós-operatórias...

Samantha – Diga-me o nome da clínica... Se algum dia precisar de ser operada...

Edmundo regressa com os cafés.

Samantha – Obrigada por me dar esta oportunidade. Vai ver que não se arrepende...

Edmundo – Já tive uma amostra do seu talento...

Samantha descobre qualquer coisa entre o pó que está a varrer.

Samantha – Olhe... O que é isto...?

Edmundo aproxima-se e examina o que ela lhe mostra.

Edmundo – Outra bala?

Samantha (*muito séria*) – Então houve um segundo atirador no assassinio do senhor Delmar... Isto já não é um simples tiro, é um autêntico tiroteio!

Edmundo – Vê televisão a mais, Samantha... Era deputado, mas não era nenhum Kennedy. (*Fica a pensar.*) Embora... E se esta bala viesse da segunda urna...?

Samantha – Muito bem, senhor inspetor... Acha que o senhor Martins também deu um tiro à sua cara-metade...?

Edmundo – Antes de arranjar maneira de ela se cruzar com o Alfa Pendular das cinco e vinte e três...

Samantha – De frente... E dentro do carro.

Edmundo – É uma possibilidade...

Samantha – Mas porquê...?

Edmundo – Ciúmes! Sabe o que se dizia na cidade acerca da senhora Martins?

Samantha – Não?

Edmundo – Que toda a gente tinha passado por cima dela... menos o comboio.

Samantha – A menos que a tenha matado só para comover os eleitores e ganhar as eleições.

Edmundo – Quem sabe...

Samantha – Seja como for, agora tem imunidade parlamentar...

Edmundo olha para a montra.

Edmundo – Olha, fala-se no diabo...

Samantha – E aparece-lhe o rabo.

Entram Francisco e Chantal na loja.

Samantha – Parece que o negócio está outra vez a animar...

Edmundo – Senhor Martins, senhora Delmar. A que devemos o prazer? Espero que não haja mais uma morte na família...

Francisco – Não, não, esteja descansado...

Edmundo – Seja como for, aproveito para o felicitar pela eleição, senhor Martins.

Francisco – Obrigado, Edmundo.

Samantha (*a Chantal*) – Muito desiludida?

Chantal – Afinal, sou a assessora parlamentar dele... Se acontecer alguma desgraça ao senhor Martins, alguém terá de tomar conta do seu legado político. Por isso não o largo nem um minuto...

Edmundo – Um seguro de vida... Mas para quem espera receber a indemnização, senhor Martins...

Samantha – Pois tenha cuidado... Uma bala perdida pode surgir quando menos se espera, sobretudo quando se vai à pesca.

Edmundo – Ou quando se espera tranquilamente numa passagem de nível...

Chantal olha para Francisco com desconfiança. Ele prefere mudar de assunto.

Francisco – Não, desta vez viemos nós apresentar-lhe os nossos pêsames, senhor Frio.

Edmundo – Por...?

Chantal – Pela sua mulher!

Edmundo – Ah, pois claro... Desculpem, tenho andado tão perturbado...

Francisco – Enfim, a vida continua...

Chantal – E, precisamente, queremos dar-lhe uma boa notícia.

Samantha – Está grávida?

Chantal – Ainda não...

Francisco – Eu e a Chantal vamos casar-nos.

Chantal – Em regime de comunhão de adquiridos... e de prevenidos, como se costuma dizer.

Ouve-se o sinal sonoro de um forno cujo temporizador acabou de chegar a zero.

Chantal – Está a cozinhar alguma coisa? É melhor ir ver, parece que está a queimar-se...

Edmundo – Bem, não, é... a minha mulher.

Francisco – A sua mulher?

Edmundo – As cinzas dela, quero eu dizer.

Chantal – Ah, claro...

Edmundo – Importa-se de ir ver o que se passa, Samantha? Não me sinto com forças para isso...

Samantha – Claro, senhor Frio.

Francisco – Bem, é melhor irmos andando.

Chantal – Só viemos por causa da coroa.

Edmundo – Uma coroa? Para o casamento?

Chantal – Para o funeral da sua mulher.

Francisco – Em nome do senhor deputado.

Chantal – E da assessora parlamentar dele.

Edmundo – Naturalmente.

Francisco – Escolha a que quiser. Envie a conta para o meu gabinete.

Edmundo – Muito obrigado, senhor deputado. Senhora assessora parlamentar. Nem imaginam como agradeço este gesto num momento tão doloroso.

Chantal – Adeus, senhor Frio.

Francisco (*apertando-lhe a mão*) – Edmundo...

Francisco e Chantal saem.

Edmundo – Bom, assunto arrumado...

Samantha regressa.

Samantha – Já se foram embora?

Edmundo – Afinal tinha razão... Acabou em casamento...

Samantha olha pela montra.

Samantha – Fazem um casal tão bonito... Vê-se logo...

Edmundo – Hum... E nós também não fazemos um mau par, pois não?

Samantha – Acha?

Edmundo – Agora que sou viúvo...

Samantha – Ah, por falar nisso, encontrei isto entre as cinzas da senhora Frio...
(*Mostra-lhe uma terceira bala.*) Pensava que a sua mulher tinha morrido de gripe...

Edmundo – Já lhe disse... Este ano a gripe está muito forte...

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Naufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Março 2022

© La Comédiathèque – ISBN 9978-2-37705-618-7

Documento para download gratuito